

SOBREVIVÊNCIA OU MORTE, DA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL (CDU), NA ERA DOS COMPUTADORES ELETRÔNICOS

Por ASTÉRIO CAMPOS, DSB.

Professor da Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica da Universidade de Brasília

RESUMO: A CDU como sistema estruturado e hierarquizado de classificação bibliográfica frente às actuais exigências da recuperação automática da informação científica. Vantagens e limitações dos dois sistemas no que diz respeito à investigação científica. Necessidade urgente de adaptação da CDU à evolução acelerada da ciência actual.

The CDU as a structural and hierarchical system of bibliographical classification in face of present requirements in the automatic retrieval of scientific information. The advantages and the limitations of the two systems with respect to scientific investigation. The urgent necessity of adapting the CDU to the rapid evolution of science today.

O problema da sobrevivência, ou da morte, na era dos computadores eletrônicos, dos chamados sistemas estruturados de classificação bibliográfica — entre os quais se destaca a CDU — tem que ser examinado com serenidade. Se, por um lado, é insensato negligenciar as valiosas e, por vezes, radicais transformações que o computador já produziu, e vai produzindo, no campo da informação científica, como aliás em muitas outras áreas da atividade humana, por outro, é forçoso ter em mente que por mais fascinantes e promissoras que sejam tais modificações, jamais poderão ser realmente úteis e vantajosas se, em qualquer momento, forem esquecidas as exigências básicas da pesquisa científica, a cujo serviço se colocam. Por este motivo, urge examinar, com clareza, até que ponto se pode considerar fundamentada a afirmação segundo a qual estão totalmente superados os chamados sistemas estruturados e hierarquizados de classificação bibliográfica, exatamente enquanto estruturados e hierarquizados, e, de nenhum modo se prestam às actuais exigências da recuperação automática da informação científica. A questão, evidentemente, se desdobra em dois níveis ou instâncias:

1 — Pode-se afirmar que os computadores, ao menos os que até agora foram construídos, estão impossibilitados de fornecer outra espécie de informação bibliográfica além da que comumente vem sendo fornecida, ou seja, de tipo atomístico, constituída de unidades autônomas, reunidas unicamente pela ordem alfabética dos descritores, ou, quando muito, extrinsecamente interligadas nos esquemas dos chamados «thesauri»

2 — Deve-se admitir que, independentemente da capacidade dos computadores, a recuperação da informação científica, para corresponder à crescente atomização do saber e à inelutável especialização das ciências, necessita fugir a qualquer espécie de estruturação e hierarquização?

O primeiro item parece já suficientemente esclarecido pelo parecer dos entendidos na matéria. Não existe o menor impedimento para que os computadores forneçam informação bibliográfica também de acordo com os sistemas de classificação estruturados e hierarquizados. Convém recordar, aliás, que a recuperação eletrônica da informação não é propriamente nenhuma classificação, mas apenas um sistema de indexação. E, se numa primeira fase, hoje em parte superada, houve completa rejeição de qualquer sistema de classificação, as tendências atuais são de aproximação e reexame.

O segundo item parece-nos mais importante, visto que pode derivar de uma tomada de posição epistemológica, consciente ou inconsciente, que urge esclarecer. Por outras palavras, certa aversão, ainda hoje abertamente confessada, em relação aos chamados sistemas classificatórios estruturados e hierarquizados e não apenas à rigidez e inflexibilidade que os desatualizam continuamente em confronto com os avanços da ciência contemporânea, parece originar-se de certa visão da ciência de cunho empiriocriticista.

Até que a rejeição se faz em nome do que é realmente mortífero para qualquer sistema de classificação que é o excesso de estruturação e hierarquização, nada há que objetar. Que se ponha em relêvo a rigidez de certas estruturas da CDU em confronto com a fluidez de certas áreas do conhecimento humano, como são a filosofia e as ciências sociais, para citar apenas alguns dos setores em que a inadequação é mais gritante, nada de mais legítimo. Que se contestem as estruturas básicas recebidas de Dewey e se critiquem pontos de vista que refletem o estado das ciências no século 19, ou talvez mais antigo, nada de mais razoável. Que se rejeite o excesso de hierarquização que tem impedido a CDU de acompanhar o contôrno de determinados conceitos da ciência contemporânea, nada de mais positivo. No último Congresso da FID, realizado no mês de setembro findo em Buenos Aires, as críticas e propostas da reforma da CDU orientaram-se nesta linha.

Não é este porem, o caso dos que decididamente insistem em ver em qualquer estruturação e hierarquização dos conceitos científicos um resíduo insuportável de aristotelismo e, em geral, em qualquer sistematização do saber, uma herança rançosa do enciclopedismo filosófico, incompatível com o avanço científico da nossa era. É por esta razão que se mostram convencidos de que a informação científica tem que ter caráter atomístico, devendo ser feita em unidades estanques e independentes. Exatamente aqui reside o núcleo principal, da polémica levantada ao redor dos sistemas de classificação. Não é a desatualização e imperfeição deles que se contesta. É a sua mesma existência.

Não tem cabimento fazer defesa dêste ou daquele sistema de classificação. Mas a questão tem que ser posta nos seus devidos termos. Ou aceitamos a tese segundo a qual o conhecimento humano, em nível de ciência, é estruturado, e neste caso a informação científica deverá também assumir caráter estruturado, ou perfilhamos a hipótese contrária e então a informação científica

deverá fazer-se em unidades fragmentadas. É questão de coerência. E como a classificação é apenas uma linguagem a serviço da informação científica e esta uma técnica a serviço da pesquisa, segue-se que da maneira de concebermos a pesquisa e, conseqüentemente, também a informação científica, derivará o nosso modo de entender a classificação bibliográfica.

Não é necessário lembrar que, em muitos casos, a informação de tipo atomístico, inteiramente desligada das demais, como é o caso das informações fornecidas pelos cabeçalhos de assunto ou descritores, pode ser, em determinadas circunstâncias, inteiramente satisfatória para a pesquisa. Mas, não há que negar que, em muitíssimos outros, tal informação será insuficiente por não atingir aquela densidade lógico-informativa que o pesquisador procura ou deveria procurar. Numa palavra, em muitos casos, a informação com plena densidade bibliográfica só é atingida quando cada átomo de informação se apresenta unido aos demais átomos com os quais mantém relacionamentos estruturais. E a razão é simples. Não sendo o conhecimento humano, em nível de ciência, de tipo atomístico, mas estruturado, também a boa técnica de recuperação bibliográfica há de ser igualmente de tipo estruturado e não atomístico e isto independentemente de qualquer posição filosófica, aristotélica ou hegeliana.

É preciso relembra coisas muito simples: a ciência é, antes de tudo, estrutura e interdependência de conhecimentos. Já o disse Husserl, com muita exatidão: o conceito de ciência não implica o de um mero saber: a ciência multiplica, sem dúvida, nossos conhecimentos, mas não nos dá apenas uma multiplicidade; pelo fato de possuímos um grupo isolado de conhecimentos químicos não temos ainda uma ciência química; requer-se evidentemente alguma coisa mais: uma conexão teórico-sistemática que só se pode obter por meio de uma coordenação íntima (1).

Ernest Nagel, a quem jamais se poderá atribuir qualquer ranço de aristotelismo, afirma categóricamente: o objetivo da ciência só é atingido quando, depois de isolar certas propriedades do assunto estudado, o espírito humano estabelece os padrões de dependência que governam a interrelação daquelas propriedades que até então pareciam dispersas e independentes; quando uma investigação obtém êxito, proposições, que até então pareciam isoladas, reúnem-se umas às outras num sistema de inter-ligações (2). E Gilles Gaston Granger não hesita em dizer que certos epistemólogos contemporâneos (entenda-se: os partidários da fragmentação empirio-criticista do saber) deveriam, paradoxalmente, fazer um retôrno a Aristóteles, para melhor entender a verdadeira índole do conhecimento científico, não, evidentemente, no sentido de reviver as estruturas da ciência aristotélica ou de assumirmos a visão ontológica a respeito da ciência própria do aristotelismo, mas no sentido de uma quase homenagem ao filósofo que propõe tão fecundos temas relativos à estrutura do saber em nível de ciência (3).

É a partir daí que se pode entender a declaração enfática de Foskett, em artigo recente, em que declara peremptoriamente: nenhum método de indexação bibliográfica baseado unicamente na ordenação alfabética dos conceitos pode resolver satisfatoriamente o problema da pesquisa científica (4). Vale a pena acrescentar então que a característica da experiência humana do conhecer é ser ela radicalmente pervadida de esquemas. O conhecimento humano é consti-

tuído de dois elementos que se interpenetram: o elemento intuitivo, diretamente fornecido pela experiência, e o elemento estrutural ou esquemático-abstrativo, resultante de uma operação da mente. É por meio desses esquemas mentais que o homem domina a natureza e constrói uma linguagem. Pensar é elaborar conceitos. Mas esses conceitos acham-se naturalmente relacionados entre si. Dêste modo, a ciência é, fundamentalmente, um relacionamento coerente e lógico de esquemas mentais.

É óbvio que os documentos registradores da ciência devam também receber uma articulação estrutural. Nesta altura poder-se-à perguntar: correspondem os esquemas da CDU às exigências do saber contemporâneo? Esta pergunta é pertinente e fundamental. A resposta é simples: a CDU já não corresponde às exigências e ao desenvolvimento da ciência contemporânea. Condenada à morte? Tudo depende da capacidade que possa ter de adaptação, sem mais tardar, às necessidades científicas da nossa época. Neste caso, a morte, ou sobrevivência, da CDU não será determinada propriamente pela presença do computador eletrônico, mas pela ausência de energia suficiente para acompanhar a evolução acelerada da ciência nos nossos dias.

BIBLIOGRAFIA

- (1) *Investigacions lógicas*. Madrid, Revista de Occidente, vol. 1.
- (2) *La estructura de la ciencia*. Buenos Aires, Paidós, 1968.
- (3) *Pensée formelle et sciences de l'homme*. Paris, 1960, p. 15.
- (4) *Public knowledge and the social dimension of librarianship*. «Journal of Librarianship», Londres, 1969, 1:68-72.